

INDISCIPLINA ESCOLAR: ESTUDO DE CASO DO COTIDIANO DA SALA DE AULA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL^I

Simoni Jacomoliski Cardoso^{II}

Prof. Nádía Maria Soares Sandrini, Dra.^{III}

Resumo: o tema escolhido para o artigo foi a indisciplina escolar e, através da pesquisa, buscou-se identificar como os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental percebem e administram possíveis situações de indisciplina em sala de aula. As análises realizadas permitiram a conceituação da indisciplina segundo referenciais teóricos, apresentando também os comportamentos que os professores consideram como indisciplina e as estratégias utilizadas pelos mesmos para lidar com esses casos. A escolha do tema teve como principal motivação o elevado número de casos de indisciplina observados atualmente, divulgados frequentemente nos meios de comunicação e a crescente queixa de professores que não conseguem desenvolver seu trabalho devido à falta de limites apresentados por certos alunos ou grupos de indivíduos.

A metodologia utilizada na pesquisa é o Método Dialético, pois procura estabelecer diferentes posicionamentos acerca do tema, com o intuito de fomentar novas ideias sobre indisciplina, buscando retratar a realidade e refleti-la de maneira objetiva. A pesquisa também se definiu como exploratória, abarcando tanto o levantamento bibliográfico quanto a questionários entregues aos professores que convivem diariamente com o problema pesquisado. E, diante das diversas formas de manifestação de indisciplina, o desrespeito ao professor foi a questão central na conceituação do termo. Observa-se também que, na visão desses professores, grande parte das questões que envolvem a indisciplina estão relacionadas – direta ou indiretamente – à forma como as famílias se posicionam na educação de seus filhos. As estratégias utilizadas pelos professores e pela gestão da escola variaram bastante, tendo em vista a especificidade de cada caso, porém, a grande maioria das soluções estava direcionada à conversa entre professores, coordenação/orientação pedagógica, pais e alunos.

Palavras-chave: Indisciplina. Família. Estratégias.

^I Artigo apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito para a conclusão da Unidade de Aprendizagem de Conclusão dos Processos Investigativos.

^{II} Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: simonijcardoso@gmail.com

^{III} Professora Orientadora. Graduada em Pedagogia – Administração Escolar - Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Especialista em Administração Escolar - Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Mestre em Educação - Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Doutora em Ciências da Linguagem - Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Professora do Curso de Pedagogia - Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. E-mail: nadia.sandrini@unisul.br.

1 INTRODUÇÃO

As mudanças sociais e culturais ocorridas nas últimas décadas vêm ocasionando profundas transformações nas relações entre alunos e professores, dificultando muitas vezes a identificação e o estabelecimento de limites para o convívio no ambiente escolar, gerando casos cada vez mais frequentes de indisciplina infantil.

É sobre esse tema, indisciplina infantil no ambiente escolar, que se tratará o presente artigo, que traz os resultados de uma pesquisa exploratória e que, partir da seguinte questão problema, buscará esclarecer um pouco o assunto: como os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental percebem e administram possíveis situações de indisciplina em sala de aula?

Tal temática vem sendo um dos principais assuntos de discussões de especialistas em educação, pois as crianças de hoje não parecem aceitar a autoridade, afrontam professores e colegas de turma, desafiam as regras da escola e, não raro, se observa que os próprios pais amparam tais transgressões.

Observa-se através de relatos, pesquisas, artigos, matérias jornalísticas etc., a dificuldade que professores e alunos vêm encontrando diante de atos de indisciplina. São divulgados com uma maior frequência casos de agressão física e psicológica, desrespeito aos preceitos básicos de convivência interpessoal, a falta de limites mínimos por parte dos alunos.

A despeito dos estudos sobre o assunto apresentarem um panorama importante da indisciplina nos diversos níveis da educação, há uma carência de pesquisas de campo referentes ao tema na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, principalmente no que diz respeito à forma como os professores têm lidado com essa questão e a maneira como os mesmos têm mediado as divergências entre os diferentes atores. Na pesquisa apresentada neste artigo, definiu-se como objetivo geral compreender as situações de conflito que ocorrem no cotidiano da sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental e, de forma específica, estabeleceram-se os seguintes objetivos:

- Conceituar indisciplina a partir de referenciais teóricos;

- Diferenciar indisciplina de outros comportamentos apresentados na infância;
- Listar os comportamentos que os professores consideram como indisciplina.
- Identificar como os professores administram possíveis situações de indisciplina em sala de aula.

De acordo com o planejamento geral, o método de abordagem da pesquisa é o Método Dialético, pois estabeleceu um diálogo entre posições e contraposições de ideias que permitiram novas ideias sobre indisciplina. Pretendeu-se descrever a realidade e refleti-la sem julgamentos ou interpretações.

Considerando os seus objetivos, a pesquisa se caracterizou como exploratória, pois proporcionou maior familiaridade com o tema indisciplina para torná-lo mais explícito, utilizando um planejamento flexível, envolvendo tanto o levantamento bibliográfico quanto a realização entrega de questionários aos professores que vivenciam o problema pesquisado.

Quanto aos seus procedimentos técnicos para coleta de dados, embora apresente um necessário estudo bibliográfico, para ampliar os conceitos referentes à indisciplina, o processo investigativo ocorreu por meio de pesquisa empírica (estudo de campo), para aprofundar as questões propostas através da investigação e coleta de dados de professores que vivenciam a realidade investigada. E, por fim, de acordo com a análise dos dados, definiu-se a pesquisa como qualitativa, visto que se trabalhou com opiniões e percepções através de um questionário com perguntas fechadas, de múltipla escolha e espaço para livre manifestação.

Nesse artigo, na sequência dessa introdução, estão organizados conceitos teóricos que elucidam o tema de pesquisa juntamente com os resultados da pesquisa realizada com os professores e, na quarta e última seção, apresentam-se as considerações finais.

2 A INDISCIPLINA E SEUS SIGNIFICADOS

Embora o contexto escolar apresente sua dinâmica própria, ele é também fortemente influenciado por fatores externos, oriundos do meio social ao qual está inserido. Observa-se que as mudanças ocorridas na sociedade nas últimas décadas têm impactado a forma como pais, alunos, professores e formadores de políticas públicas – principalmente ligados à área educacional –, tem enxergado esse ambiente. Como exemplo, o próprio conceito de família e o papel desempenhado por cada membro tem se transformado, não cabendo mais ao pai a função de provedor das necessidades materiais e à mãe a dedicação exclusiva ao cuidado da casa e dos filhos. As mudanças nas relações econômicas e culturais ocasionaram uma ruptura nessa hierarquia de atribuições, refletindo no próprio papel da escola, como nova responsável – muitas vezes – pelas funções antes desempenhadas pela família. A mídia televisiva e as formas de interação proporcionadas pelo surgimento da internet também ocasionaram uma mudança comportamental muito acentuada nos costumes e, sem um direcionamento ou filtro do conteúdo que chega a criança, podem gerar influências negativas e casos de indisciplina.

Apesar desse comportamento ter se tornado algo cada vez mais frequente e as vezes mais extremo, algumas ideias apresentadas por Vasconcellos (1993, p. 13) parecem relativizar a importância da indisciplina na escola e no ambiente social, pois o mesmo afirma que situações como fome, mortalidade infantil, drogas, corrupção, sequestro, entre outras formas de mazelas sociais, parecem ter uma gravidade muito maior a ser considerada.

Já as afirmações de Passos (*apud* Aquino, 1996, p. 119), encaram as relações entre professores e alunos como algo puramente autoritário, considerando a disciplina como algo essencialmente negativo nessa dinâmica, uma estrutura educacional voltada para submissão do aluno, desenvolvendo nos indivíduos um elevado grau de dependência e de falta de autossuficiência e motivação própria.

Contudo, não podemos afirmar que a questão disciplinar em sala de aula está restrita a apenas um fator – como a questão do autoritarismo por parte do professor, por exemplo –, mas pode estar relacionada a diversos outros condicionantes. De acordo com Parrat-Dayan

As causas para indisciplina podem ter origem externa ou interna à escola. As causas externas podem ser vistas na relativa influência dos meios de comunicação, na violência social e também no ambiente familiar. O divórcio, a droga, o desemprego, a pobreza, a moradia inadequada, a ausência de

valores, a anomia familiar, a desistência por parte de alguns pais de educar seus filhos, a permissividade sem limites, a violência doméstica e a agressividade de alguns pais com os professores podem estar na raiz do problema.

As diferenças entre os valores da sociedade neoliberal e de consumo (a resolução imediata, o prazer, o *zapping*, a competição etc.) e os valores que a escola considera importante (esforço, abnegação, prazer diferido etc.) implicam contradições que podem levar à indisciplina. (PARRAT-DAYAN, 2012, p. 57)

O próprio conceito de indisciplina apresenta diversas interpretações e definições, o que muitas vezes dificulta proposição de soluções ou a mitigação de seus efeitos em sala de aula. Segundo o minidicionário Aurélio (2002), entende-se como indisciplina o ato ou dito contrário à disciplina. Em uma abordagem mais ligada ao ambiente escolar, Rego (*apud* Aquino, 1996, p. 85) afirma que normalmente entende-se a indisciplina como um comportamento inconveniente, agitado, insubordinado, intransigente, etc., manifestando-se na falta de educação ou de respeito pelas autoridades, ou seja, como uma espécie de incapacidade do indivíduo ou grupo em se adequar aos comportamentos esperados em determinado ambiente. Ainda segundo Rego (*apud* Aquino, 1996, p. 87) não se trata de reprimir as atitudes questionadoras, a curiosidade ou liberdade de se movimentar, mas sim, estabelecer limites àqueles alunos que não respeitam o espaço e os sentimentos dos demais, manifestando sua individualidade de forma nociva dentro de um grupo.

Embora possuam dimensões diferentes, muitos desses comportamentos excessivos praticados socialmente podem ser reflexo da falta de um entendimento – desde cedo, no âmbito familiar e escolar – de que respeitar regras e se submeter a certos limites são preceitos fundamentais para a convivência em grupo.

Diante deste quadro complexo, no qual não existe um único fator determinante para o problema tampouco uma solução predefinida que contemple todas as situações, o professor encontra dificuldades em realizar sua atividade profissional e, em muitos casos, encontra entraves como mediador de conflitos em sala de aula.

Segundo Parrat-Dayan (2012, p. 23), esses problemas disciplinares acabam por se manifestar de diferentes formas, dentre elas, negar a aprendizagem, faltar à aula, não levar os materiais escolares, não fazer as tarefas, desacatar preceitos básicos de conduta – mesmo de forma não intencional –, ficar em pé constantemente, atrapalhar a aula, etc. Esses comportamentos podem ser considerados inconvenientes e aborrecedores, tanto para professor quanto para outros alunos.

Embora as dinâmicas sociais sejam permeadas por conflitos – alguns em maior ou menor grau de intensidade e consequências –, as relações professor/aluno não podem ser norteadas apenas pela resolução desses conflitos. De acordo com Carita e Fernandes,

É verdade que o conflito é inevitável e que tem mesmo, em certas situações e sob certas condições, um papel positivo, dinâmico, potenciador de mudança nas relações e nas pessoas. Contudo, uma relação e particularmente uma relação de trabalho como o é a relação professor/aluno, não pode cumprir os seus objetivos quando as energias disponíveis são maioritariamente canalizadas para a resolução dos conflitos. Quanto mais energia professor e alunos gastarem na resolução dos conflitos, menos energia podem investir na área de ensino e da aprendizagem. (CARITA e FERNANDES, 1997, p. 19)

Logo, é necessário estabelecer maneiras de intermediar essas situações consideradas indisciplinadas, com o intuito de proporcionar um ambiente educacional estimulante, tranquilo, propício ao exercício da atividade de ensino/aprendizagem, em que os atores envolvidos sejam respeitados em seus papéis.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta^{IV} de dados foi realizada na Escola de Ensino Fundamental Ivaiporã, pertencente à rede pública de ensino do município de Curitiba/PR. A referida escola atende do Ensino Infantil ao Ensino Fundamental I e, após a solicitação para realizar a pesquisa junto à Secretaria Municipal de Educação - Superintendência de Gestão Educacional –, obteve-se a autorização para entregar aos professores o questionário de coleta que continha 10 questões fechadas, com respostas de múltipla escolha, que trata do tema indisciplina, com espaços abertos para livre manifestação dos professores.

Após a devolução dos questionários respondidos, um quadro comparativo foi elaborado, de maneira que as respostas pudessem ser facilmente buscadas e comparadas. Nessa planilha, foram colocadas todas as perguntas presentes no questionário e, logo abaixo de cada pergunta, foram inseridas as respostas fornecidas por cada professor, bem como, suas observações.

Através da coleta de dados, constatou-se que, no Ensino Fundamental I, a escola possui um total de 415 alunos matriculados e 26 professores, sendo o

^{IV} Todos os dados coletados foram tabulados em planilha do Excel para auxiliar nas análises.

questionário entregue à 23 desses profissionais, pois, segundo a coordenação, os formulários não foram distribuídos aos professores que estão de licença.

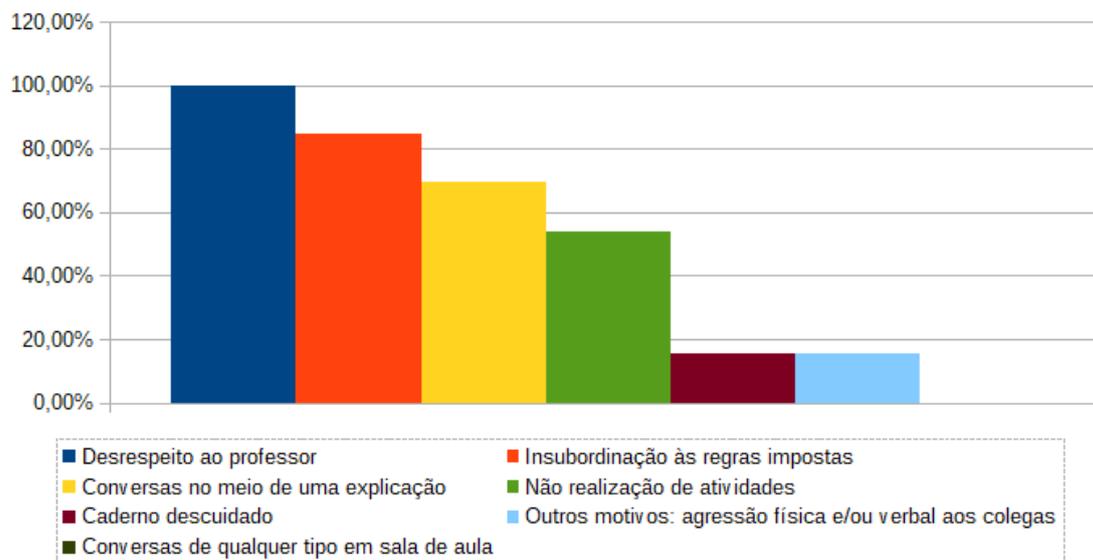
A entrega do questionário junto à coordenação/secretaria ocorreu no dia 25/09/19 – dia posterior à entrega da autorização pela Secretaria de Educação. Foram entregues 26 questionários e feita a explicação do procedimento – explicação esta já constante na carta de autorização. A data final da realização da pesquisa seria em 10/10/19. O retorno dos questionários aconteceu de forma bastante morosa, foram realizadas 6 visitas à escola para resgatar um total de 13 questionários preenchidos. Portanto, a porcentagem de questionários atingiu 56,52% que, para fins de análise dos dados representam 100% de amostra pesquisada.

Das 13 professoras – todas do sexo feminino –, 8 delas possuíam Ensino Superior em Pedagogia – licenciatura plena –, seja como formação principal, seja como complementar. Todas possuíam pelo menos 1 pós-graduação – especialização. Dentre elas, 2 possuíam mestrado e uma doutorado. A idade estava compreendida entre 38 e 54 anos. Atuam como professoras num período de 13 a 33 anos, sendo que, exclusivamente em Ensino Fundamental I, de 7 à 28 anos de experiência. A maioria já atuou em todas as séries do Ensino Fundamental I, apenas 2 atuaram somente no ciclo de alfabetização e uma atuou apenas em 4º e 5º ano.

Procurou-se saber o que o professor considera como indisciplina na sala de aula.

Figura - Quadro com percentual de respostas dos professores sobre o que consideram indisciplina.

O que o professor considera indisciplina em sala de aula



Fonte: Elaboração da autora, 2019.

Conforme se demonstra no gráfico acima, a opção de resposta: 100% dos professores assinalaram: desrespeito ao professor; 84,61% indicaram: insubordinação às regras impostas – um professor colocou uma observação que depende da regra; 69,23% assinalaram: conversas no meio de uma explicação, que desconcentre os demais alunos e o professor; 53,85% marcaram: não realização de atividades; 15,38% apontaram: caderno descuidado; outros motivos relacionados: 15,38%: agressão física e/ou verbal aos colegas; conversas de qualquer tipo em sala de aula, não foi considerada por nenhum dos professores questionados.

Embora essa questão apresentasse respostas pré-definidas para serem assinaladas, havia um campo no qual os professores poderiam manifestar suas opiniões a respeito daquilo que observam como indisciplina. Apenas um professor considerou algo diferente do apresentado e, pelos dados obtidos, podemos observar que os atos de indisciplina, na visão dos professores, costumam estar associados aquilo que interfere diretamente no seu trabalho em sala de aula. Agredir física ou verbalmente um colega foi citado apenas uma vez, indicando que parece não haver uma relevância tão grande se compararmos a um ato desrespeitoso com relação ao professor, mencionado em todas as respostas obtidas.

Isso parece corroborar, de certa maneira, o que afirma Estrela (1994, p. 17), no qual,

O professor, sem muitas vezes ter consciência disso, institui ‘a organização monárquica’ da sala de aula, exteriorizada por um conjunto de privilégios inerentes à sua função: o professor seleciona o saber e os recursos permitidos para o acesso a esse saber; dita as normas e controla os comportamentos; arbitra as matérias de disputa; condiciona os sentimentos ao condicionar a possibilidade da sua exteriorização; controla as relações humanas na sala de aula; determina os critérios do que é bom, verdadeiro, belo, útil, correto. (ESTRELA, 1994, p. 17)

Carita e Fernandes também observam que,

Estudos realizados sobre as representações da indisciplina de que os professores são portadores [...] apoiam este tipo de leitura da situação, a qual aliás sugere a prevalência de um modelo pedagógico muito centrado na pessoa do professor, nas suas necessidades de consideração e respeito. Outros estudos [...] embora sublinhando a força predominante de um outro critério – a produtividade – (a indisciplina como obstrução ao trabalho), não deixam de igualmente de referir o impacto da dimensão pessoal na apreensão da situação por parte do professor; a indisciplina seria também qualquer ato que significasse ‘ataque ao professor’, à sua autoridade ou à sua pessoa. (CARITA e FERNANDES, 1997, p. 15)

Uma abordagem alternativa também foi colocada por La Taille (*apud* Aquino, 1996, p. 10) ao traduzir a indisciplina de duas formas: “1) Revolta contra essas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelos casos do comportamento, pela desorganização das relações”. Ou seja, muitas vezes são exigidos certos comportamentos dos alunos, mas nem todos tem ciência de quais são essas normas e a razão das mesmas existirem, tornando-se uma relação assimétrica e muitas vezes desprovida de significado.

Outro item questionado foi se, como professor, consideram que atitudes de indisciplina ocorrem de forma diferente para o aluno de classe socioeconômica menos favorecida e para um aluno de classe média. Nenhuma das professoras informou que ocorre mais com uma classe do que a outra, sendo possível complementar essa pergunta como alguma observação pertinente. A Professora 1 determinou a importância da família, mas fugiu do questionamento, ao afirmar que “existe uma série de fatores que contribuem para o aluno demonstrar indisciplina. Houve casos em que a família orientava/educava, mas mesmo assim o aluno xingava, atrapalhava os colegas”. Para a Professora 2 “a indisciplina é muito mais uma questão familiar, falta de limites, não tem relação com classe socioeconômica”. A Professora 4 coloca que “a indisciplina ocorre nas duas classes, pois no meu conceito o que ‘condiciona’ são fatores ambientais,

sociais e éticos que podem estar presentes em ambas as classes familiares”. Já para a Professora 9 “a indisciplina refere-se à configuração que a criança faz parte: família, espaços culturais, espaços religiosos, vizinhança, dentre outros”.

Todas as professoras que realizaram alguma observação mencionaram a importância da família para justificar esses comportamentos, ou seja, indisciplina vai além do fator socioeconômico. A análise de Parrat-Dayan parece ratificar a afirmação anterior, pois considera que

Para analisar os problemas de indisciplina é interessante analisar o discurso dos educadores sobre o tema. Assim, uma representação hoje comum entre os professores é a que supõe, no contexto social atual, a manifestação de uma perda de valores que se reflete na conduta dos alunos, associada a mudanças negativas nos processos de socialização de suas famílias. (PARRAT-DAYAN, 2012, p. 79)

Buscou-se também identificar se as professoras notavam diferença entre a indisciplina de um aluno de classe econômica menos favorecida, para aquele de classe econômica mais favorecida. Obtivemos 38,46% das respostas em branco, 38,46% percebem diferença entre alunos de classes diferentes e 23,08% não percebem diferença. Uma das respostas mais relevantes foi realizada pela Professora 4, ao afirmar que “sim, nas classes ‘menos favorecidas’ a indisciplina está mais relacionada a violência e agressividade. Já nas classes ‘mais favorecidas’ a indisciplina é mais comum no que diz respeito a seguir regras, saber lidar com frustração, aceitação do ‘não’ e persistência/resiliência quando não obtêm êxito nas tarefas/atividades”. A Professora 7 considera que “para os alunos menos desfavorecidos o custo de vida é mais difícil vai gerar o desequilíbrio emocional e psicológico enorme. Para os de classe média ou alta por terem o que querem dos pais gera falta de limites na escola”. A Professora 11 percebe “a indisciplina mais como a desestrutura familiar que nível social”. E para a Professora 13 “a indisciplina acontece em qualquer escola, não é algo só de uma classe econômica. A libertinagem está em todas as turmas”.

Embora as condicionantes sociais e econômicas influenciem no comportamento humano – manifestando-se de maneiras diferentes –, parece que a atitude familiar diante dessa questão – mais uma vez – tem uma preponderância mais marcante. Parrat-Dayan (2012, p. 57) afirma que, devido a heterogeneidade cultural, é normal existirem desconhecimentos de normas culturais entre professores e alunos, contudo, dentro de uma mesma cultura ocorreram modificações nessas dinâmicas e

observa-se que os pais se tornaram menos autoritários e mais permissivos, gerando condutas difíceis de controlar. Ainda segundo a autora,

As causas externas podem ser vistas na relativa influência dos meios de comunicação, na violência social e também no ambiente familiar. O divórcio, a droga, o desemprego, a pobreza, a moradia inadequada, a ausência de valores, a anomia familiar, a desistência por parte de alguns pais de educar seus filhos, a permissividade sem limites, a violência doméstica e a agressividade de alguns pais com os professores podem estar na raiz do problema. (PARRAT-DAYAN, 2012, p. 57)

Investigou-se também, na percepção do professor, qual é a maior causa da indisciplina do aluno. A porcentagem em cada resposta foi a seguinte: 92,31% à falta de participação dos pais na imposição de certas regras de convívio social; 69,23% a problemas associados a determinados transtornos; 38,46% afirmaram a falta de interesse do aluno em estudar; 23,08% a personalidade mais agitada ou extrovertida; e 23,08% às dificuldades de aprendizagem. A Professora 7, além de marcar todas as respostas, marcou que podem ser vários outros motivos. Já a Professora 9, não listou nenhuma das opções acima, colocando os seguintes motivos como justificativa: configurações, limites e falta de referência.

Em consonância com os estudos desenvolvidos por Parrat-Dayan, uma das causas da indisciplina escolar é a permissividade dos pais com relação ao comportamento de seus filhos. Contudo, um fator citado pela autora parece não se confirmar no caso da escola, pois apenas 38,46% afirmou que a falta de interesse dos alunos é um dos condicionantes para a indisciplina. Em sua obra, a autora afirma que

A indisciplina é o ponto de chegada de um processo contraditório, é a expressão da distância simbólica e cultural entre os dois universos que tendem a se opor. O resultado é que muitos alunos se entediam na escola e não conseguem se apaixonar pelas atividades que lhes são propostas. Esse tédio pode gerar indisciplina. (PARRAT-DAYAN, 2012, p. 64)

Com relação aos demais fatores, a obra de Parrat-Dayan (2012, p. 65) ratifica que “a indisciplina pode ser explicada por razões sociais, sociofamiliares, problemas cognitivos e também por fatores situacionais e contextuais menos espetaculares”.

Um questionamento que gerou certa controvérsia procurava identificar se o tema indisciplina era tratado em reuniões e/ou encontros de formação com pais e educadores, pois esperava que as respostas fossem convergentes. Contudo 46,15% responderam que sim, sendo que uma das professoras informou que as reuniões sobre o tema não ocorriam com a frequência que deveria, e 53,85% marcaram que não. Ou seja, nem mesmo em questões mais objetivas foi possível determinar a confiabilidade dos

dados obtidos pois, ou a escola realiza reuniões para tratar do assunto, ou ela não realiza.

Para que as mudanças ocorram no âmbito escolar é necessário que sejam realizadas reflexões e reestruturações – sejam nos aspectos físicos, administrativos, pedagógicos, normativos, etc. – que contemplem todas as esferas que permeia esse ambiente, pois, segundo Vasconcellos (1993, p. 57) “um dos grandes impasses da escola hoje é a definição de sua efetiva função social”.

A própria organização escolar não proporciona a discussão dos problemas disciplinares mais amplamente, como observado nas respostas da questão. Percebe-se a falta de um trabalho conjunto propriamente dito. Muitas vezes o obstáculo enfrentado pelo professor é tratado somente por ele mesmo ou fica limitado à pequenas intervenções da gestão da escola.

Vasconcellos (1993, p. 59) descreve a importância de haver uma conduta convergente entre todos os atores que compõem essa dinâmica, sendo de grande importância o estabelecimento de um espaço de reunião periódico para o tratamento dessas questões.

Em outro levantamento, procurou-se identificar junto aos professores se o tema indisciplina era tratado em reuniões e/ou encontros de formação com pais e educadores, sendo que parte da questão foi aberta e a outra fechada. Dos 53,85% que responderam negativamente, ou seja, o tema não é tratado em reuniões, 38,16% deixaram a parte aberta totalmente em branco, no espaço destinado às observações. Para as demais respostas negativas da questão anterior, em uma delas, a Professora 2 afirma que “não são feitos encontros de formação, mas sim reunião em particular com os pais dos alunos que apresentam problema de indisciplina”. A Professora 13 coloca que “muitos pais tem a visão que a escola é um depósito de alunos, onde muitas vezes os levam para não precisarem aguentar a indisciplina em casa”.

Para as demais respostas foram obtidos os seguintes valores: 38,46% afirmaram que a minoria é interessada; 7,69% considera que a maioria dos pais é interessada e procura ajudar e conversar com seu filho, sendo que uma das professoras observou que “a maioria se preocupa, mas o que chama a atenção é que alguns pais tem um belo discurso, apoiam a escola, mas quando pergunto para o aluno se os combinados feitos entre a escola e família estão sendo feitos, o próprio aluno diz que não, ou que a

mãe e/ou pai deu mais uma chance, ou seja, na prática, as regras, limites não são cumpridos”; nenhuma resposta para a opção *cerca da metade dos pais procura participar ativamente na solução do problema*. A Professora 4 colocou da seguinte maneira: “a grande maioria dos pais, quando comunicado sobre casos de indisciplina do/a estudante, questiona a escola/professor sobre o comportamento da criança, tentando justificar tal comportamento como se a escola/professor não estivesse fazendo seu papel, invertendo-se os valores.

Foi observado novamente que a família não tem participado ativamente na vida educacional de seus filhos – pelo menos segundo a ótica dos professores –, pois muitos pais acreditam que, a partir do momento que a criança é deixada sob responsabilidade da escola, não há necessidade de participar dessa etapa da vida do aluno.

Vasconcellos parece convergir com esse pensamento ao afirmar que,

As relações entre a escola e a família têm se modificado muito nas últimas décadas. Neste período, como vimos, a escola mudou, a família mudou, e, sobretudo, a sociedade mudou. Grosso modo, poderíamos apontar a transição de uma fase em que a família confiava plenamente na escola, estabelecendo até uma cumplicidade, para uma nova em que a família passa, de um lado à criticar a escola, e de outro, contraditoriamente, a transferir a suas tarefas para a mesma. É um pouco a situação que vivemos hoje: já não há aquela cumplicidade (muitos pais ensinam desde cedo os filhos a contarem “o que a professora fez com ele”), mas ao mesmo tempo – em função das transformações que vem sofrendo – há uma tendência de atribuir à escola funções que eram antes inerentes à família (ex: desde aprender a amarrar o sapato, até a iniciação religiosa). (VASCONCELLOS, 1993, p. 13)

Investigou-se também sobre as ações tomadas com o objetivo de administrar situações de indisciplina que ocorrem em sala de aula pela gestão da escola. Esta pergunta foi aberta e obteve os seguintes resultados/respostas, sendo que alguns professores deram mais de uma das seguintes opções: 76,92% afirmaram que conversam com a família – a maioria informou que chama apenas nos casos mais sérios e após conversar com o aluno; 38,46% informaram que os alunos são atendidos pelo setor pedagógico/orientação pedagógica; 38,46% mencionaram conversas com alunos; 7,69% realizavam a mudança de turma; 7,69% conversa com a turma; e 7,69% sugerem atendimentos específicos (médicos).

Pode-se constatar com essa questão que, para essa escola, a família é a causa e/ou solução dos problemas relacionados à disciplina. Em geral, observa-se que a escola recorre à família para justificar os problemas que não são solucionados internamente. Embora existam alternativas como auxílio do setor pedagógico/orientação pedagógica,

mudança de turmas, atendimentos médicos especializados, entre outros, a grande maioria das respostas está orientada para a conversa com os familiares.

Vasconcellos afirma que,

Atualmente o grande foco da crítica e da atribuição de responsabilidades pelos problemas de indisciplina na escola está sendo o aluno e, em particular, sua família. De fato, percebemos muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades suas para a escola, etc. Tudo isto é verdade. Objetivamente, a família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos. Neste sentido, os educadores tem razão em levantar esta falha. No entanto, esta é a manifestação imediata; isto é o que aparece. O que não se tem feito é ir além desta constatação... (VASCONCELLOS, 1993, p. 12)

E, para completar, procurou-se identificar se as medidas tomadas após a administração das situações de indisciplina provocavam algum tipo de mudança no comportamento do aluno. Assim, 61,54% indicaram que ocorre apenas uma mudança momentânea e 38,46% dos professores afirmaram que os alunos tentam melhorar o comportamento. Duas professoras colocaram ambas as respostas – tenta melhorar o comportamento e ou mudança momentânea. A Professora 2 colocou que “depende muito da criança e da família” e a Professora 7 que “depende do caso em questão e/ou do aluno”. A Professora 5 informou que a mudança é momentânea e escreveu que “muitos pais não mudam a rotina e as regras em casa”. A Professora 9 não assinalou nenhuma das três opções e declarou que “depende muito de cada situação. Geralmente quando bem orientada percebe-se melhora no comportamento da criança”. A Professora 10 também não assinalou nenhuma das opções e alegou que “depende do motivo que leva à indisciplina”. A Professora 13 afirmou que a mudança é momentânea, mas colocou a seguinte observação: “se houver um apoio da família é visto uma melhora. Caso contrário o aluno se sente impune e continua a realizar a indisciplina”. Nenhuma professora afirmou que o aluno sente mais medo em sala

As respostas apresentadas nesta questão demonstram que as medidas utilizadas comumente não costumam ter o efeito permanente desejado e, mesmo assim, parece que não há um movimento no sentido de realizar reflexões ou modificações nesses procedimentos. Obviamente, não seriam obtidas soluções que tratassem de todos os casos da mesma maneira, tendo em vista a especificidade de cada aluno, mas esses estudos poderiam identificar quais as medidas possuem uma relevância maior em cada caso.

Foi questionado se os professores acreditam que a disciplina pode ser entendida como adaptação aos esquemas da escola, ou seja, uma criança disciplinada é um "robô" que apenas segue regras sem criatividade. 100% das professoras disseram que não. Algumas das observações estão colocadas a seguir:

- Professora 1: “a disciplina é importante para a aprendizagem, não tenho e não quero robôs, quero alunos que além de dominarem os conteúdos básicos do currículo, saibam expor suas ideias, mas existe hora para tudo”.
- Professora 2: “disciplina não é agir como um "robô", nem queremos isso, é sim saber respeitar as normas, as regras da sala/escola, os professores e colegas, como também cumprir suas tarefas”.
- Professora 4: “a disciplina faz parte das relações sociais na escola, mas também em outros espaços. Somos seres que convivem em diferentes grupos e as regras sociais são importantes para que essa relação seja harmônica”.
- Professora 5: uma criança disciplinada é aquela que segue o princípio básico de respeito ao próximo, seja quem for.
- Professora 6: uma criança pode ser sim disciplinada com acordos feitos entre professor e aluno, com base no respeito e colaboração sem se tornar um "robô", mas tendo capacidade de criticidade, criatividade e pleno desenvolvimento.
- Professora 7: “acho que a escola tem que ter regras para o bom funcionamento e mesmo que os alunos tentem comportar-se como "robôs" não conseguiriam até hoje não vi alunos perderem a espontaneidade e a criatividade”.
- Professora 9: “acredito que a indisciplina ocorre ou pelo não entendimento das regras (não adaptação) e das relações que a criança possui dentro e fora da escola (suas configurações)”.
- Professora 12: “possui sentimentos, preferências”.

Todos os professores que responderam essa questão concordaram que ter certo grau de disciplina não implica transformar o aluno em algo desprovido de vontades, de opiniões, de autonomia, mas sim, alguém que manifeste sua individualidade dentro de um contexto, dentro de certos limites que, embora muitas vezes desconhecidos ou ignorados por esses alunos, fazem parte do ambiente escolar.

Parrat-Dayan coloca que,

A disciplina consiste num dispositivo e num conjunto de regras de conduta destinadas a garantir diferentes atividades num lugar de ensino. A disciplina não é um conceito negativo; ela permite, autoriza, facilita, possibilita. A disciplina permite entrar na cultura da responsabilidade e compreender que as nossas ações têm consequências. Quem olha para disciplina como algo negativo não entende o que é. Ser disciplinado não é obedecer cegamente; é colocar a si próprio regras de conduta em função de valores e objetivos que se quer alcançar. (PARRAT-DAYAN, 2012, p. 9)

Para finalizar, buscou-se identificar como o professor lida com a indisciplina quando ela ocorre em sua sala e quais eram as estratégias utilizadas: 69,23% dos professores mencionam que são realizadas conversas com o aluno; 53,85% deles falam que os casos mais extremos são encaminhados para intervenção com a pedagoga ou através de conversas com os pais; 15,38% falam de conversas e combinados com a turma. Há menções sobre trocar o lugar dentro da sala de aula ou realizar a troca de turma, busca de livros que falem sobre o assunto, sanções previamente combinadas e nos casos de agressão, retirada do direito de brincar por um tempo.

De fato, não é possível identificar uma ferramenta ou método específico para tratar desses casos de indisciplina. A maioria das respostas obtidas mostram diretrizes gerais para o tratamento dessas situações, mas nenhuma delas pode afirmar enfaticamente que este ou aquele recurso é mais eficiente.

Carita e Fernandes colocam que,

Em primeiro lugar, é importante deixar claro que não existem soluções prontas a servir para esta matéria; ainda que a sua existência pudesse ser facilitadora, efetivamente não as há. Nós não dispomos, por um lado, de uma taxonomia de problemas, de uma taxonomia de respostas, por outro, e de indicações precisas sobre o seu desejável e útil emparelhamento.

Não há aliás nenhum quadro teórico que por si só permita compreender e resolver os problemas que ocorrem na relação entre as pessoas e particularmente na relação professor/aluno. Não há, no campo das ciências humanas em geral, e das ciências da educação em particular, um quadro teórico suficientemente poderoso que nos dê resposta para a variedade infinita de problemas que somos capazes de criar quando nos arriscamos a estar e a viver em conjunto. (CARITA E FERNANDES, 1997, p. 20)

Embora a parcela de questionários respondidos tenha sido bastante reduzida, tendo em vista a grande quantidade de instituições escolares espalhadas pelo país e, até mesmo pelo mundo, certos comportamentos apresentados por alunos, familiares, professores e demais profissionais ligados a atividade escolar, parecem estar alinhados aos estudos realizados por diversos outros autores.

Pode-se observar que a família teve um papel central nas queixas ou comentários realizados pelos professores – mais frequentes que as reclamações direcionadas aos alunos, propriamente ditos –, contudo, verificou-se que em praticamente nenhuma observação realizada a escola era ou poderia ser o foco de algum problema. Os aspectos exteriores, como a família, eram normalmente utilizados como argumentos para justificar atos de indisciplina.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o conceito de indisciplina escolar seja algo abrangente e controverso, tendo em vista que os diferentes atores – alunos, professores, gestores, etc. – apresentam abordagens distintas para uma mesma situação, alguns pontos importantes puderam ser extraídos tanto das pesquisas teóricas quanto dos questionários respondidos pelos professores da escola pública consultada.

De acordo com alguns autores estudados, a indisciplina se caracteriza, fundamentalmente, por um comportamento insubordinado às normas estabelecidas para o ambiente, se externalizando por meio da falta de educação ou o desrespeito pelas autoridades ou demais alunos, ou seja, um impedimento em se adaptar aos comportamentos esperados para determinado espaço. Contudo, não se pode confundir indisciplina com atitudes questionadoras, curiosidade ou necessidade de movimentar-se, pois o aluno faz parte da dinâmica escolar não apenas como ouvinte, mas como participante ativo nos processos de ensino/aprendizagem.

Com relação a pesquisa realizada na escola, observa-se a dificuldade em levantar informações através desse método de pesquisa, tendo em vista que praticamente metade do universo participante não devolveu os questionários entregues. Dentre as respostas obtidas, constata-se que, na visão dos professores, os fatores externos como a família, tem um peso maior nas questões relativas à indisciplina, pois a falta de participação dos pais na educação dos princípios básicos de convivência interpessoal propiciam o surgimento ou agravamento de comportamentos desrespeitosos, excessivos ou descontextualizados.

Embora muitos professores utilizem a conversa como ferramenta para tratar dos casos de indisciplina, a maioria afirma que essas conversas não costumam surtir

efeitos duradouros. Muitos pais não cumprem o acordado com a escola e os demais fatores sociais e culturais – como, por exemplo, a televisão e as mídias sociais – possuem uma influência muito marcante no comportamento dos alunos.

Observa-se também que os profissionais da educação questionados não atribuíram nenhum fator interno como possível causa da indisciplina, contrariando o que muitos autores que estudam o tema afirmam sobre isso. Em alguns casos apenas foram citados que o tema indisciplina não é abordado em reuniões, ou pelo menos não são feitos com a frequência com que deveria ser tratados.

Essa pesquisa atingiu os objetivos pretendidos, pois possibilitou conceituar indisciplina a partir de referenciais teóricos, diferenciou indisciplina de outros comportamentos apresentados na infância, listou alguns comportamentos que os professores consideram como indisciplina e identificou como os professores administram possíveis situações de indisciplina em sala de aula.

Como proposta de novos estudos relacionados ao tema, verificou-se a necessidade de ampliar as investigações abrangendo outros pontos de vista, principalmente a indisciplina escolar sob a ótica da família, pois este segmento foi muito citado nas respostas dos questionários e seria extremamente importante observar como as relações escolares são percebidas pelos familiares.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996.

AURELIO. **O mini dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. amp. do mini dicionário Aurélio. 7. Imp. Rio de Janeiro, 2002.

CARITA, Ana; FERNADES, Graça. **Indisciplina na sala de aula: como prevenir? Como remediar?** Lisboa [Portugal]: Editora Presença, 1997.

ESCOBAR, Tatiana Pires. **Configurações do fracasso escolar na escola pública: um estudo a partir do discurso do Professor da educação básica**. In ANPED SUL, 10., 2014, Florianópolis. Anais... Florianópolis: ANPED, 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/104-0.pdf. Acesso em: 21 Ago. 2018.

Estrela, M. T. **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula**. Portugal: Porto Editora, 1994.

PARRAT-DAYAN, Silvia. In: **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Tradução de Beatriz Adoue e Augusto Juncal. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ROSA, Solange Aparecida da. **Sentido da escola e comprometimento com a aprendizagem:** análise da realidade em uma escola pública do oeste catarinense. In ANPED SUL, 10., 2014, Florianópolis. Anais... Florianópolis: ANPEd, 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/2233-0.pdf. Acesso em: 21 Ago. 2018.

SILVA, N. P. **Ética, indisciplina e violência nas escolas.** 7. ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

SOUSA, Suelen Gomes de. **A indisciplina na escola:** um estudo com alunos de escola pública considerados indisciplinados. 2016. 84 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Disciplina:** construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 10. ed. São Paulo: Libertad, 1993.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO / PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL



Prezado Professor,

Este instrumento tem como objetivo coletar informações e percepções dos professores sobre o tema indisciplina. A sua participação neste estudo é de fundamental importância, visto que se pretende explorar o tema a partir da realidade que você vivencia no cotidiano da sala de aula. Em hipótese alguma será revelado a sua identidade.

Agradeço a sua participação.

QUESTÕES DE IDENTIFICAÇÃO GERAL:

Formação: Especifique o curso que possui. Utilize as linhas para especificar diferentes cursos se possuir mais de um.

Graduação	Especialização	Mestrado/Doutorado

Observação: _____

Idade: _____

Há quanto tempo atua como professor (a)? _____

Há quanto tempo atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental? _____

Em quais séries já atuou? _____

QUESTÕES ESPECIFICAS:

1. Como professor, o que você considera como indisciplina na sala de aula? Assinale tantas quantas opções considerar pertinente.

- Conversas de qualquer tipo em sala de aula;
- Conversas no meio de uma explicação, que desconcentre os demais alunos e o professor;
- Caderno descuidado;
- Não realização de atividades;
- Insubordinação às regras impostas;
- Desrespeito ao professor;
- Outros motivos. Quais: _____

2. Você considera que atitudes de indisciplina ocorrem de forma diferente para o aluno de classe socioeconômica menos favorecida e para um aluno de classe média?

- Ocorre mais com alunos de classe socioeconômica menos favorecida;
- Ocorre mais com alunos de classe média;
- Não é possível determinar indisciplina tendo como base esses parâmetros.

Complemente com os comentários que desejar:

3. Caso não seja possível determinar, você percebe diferença entre os tipos/modos de indisciplina entre essas diferentes classes socioeconômicas? Se sim, pode informar qual diferença você percebe?

Responda com as observações que julgar necessário:

4. Na sua percepção, a maior causa da indisciplina do aluno está associada a:

- Falta de interesse do aluno em estudar;
- Personalidade mais agitada ou extrovertida;
- Problemas associados à determinados transtornos;
- Falta de participação dos pais na imposição de certas regras de convívio social;
- Dificuldade de aprendizagem;
- Outros motivos _____

5. O tema indisciplina é tratado em reuniões e ou encontros de formação com pais e educadores?

- sim não

6. Se sim, você diria que:

- a maioria dos pais é interessada e procura ajudar e conversar com seu filho;
- cerca da metade dos pais procura participar ativamente na solução do problema;
- a minoria é interessada.

Complemente com observações que julgar necessário:

7. O que é feito para administrar situações de indisciplina que ocorrem em sala de aula pela gestão da escola?

8. Complementando a questão anterior, as medidas tomadas provocam algum tipo de mudança no comportamento do aluno?

- tenta melhorar o comportamento;
- sente mais medo em sala;
- ocorre apenas uma mudança momentânea;

Complemente com observações que julgar necessário:

9. Você, como professor, acredita que a disciplina pode ser entendida como adaptação aos esquemas da escola, ou seja, uma criança disciplinada é um “robô” que apenas segue regras sem criatividade?

- sim não

Complemente com observações que julgar necessário:

10. Particularmente, como você lida com a indisciplina quando ela ocorre em sua sala? Que estratégias utiliza?

Uma vez coletados, os dados serão digitados e tabulados para a realização da análise e elaboração final do artigo que será apresentado em banca e publicado no Repositório Institucional da Unisul.

Na elaboração do mesmo não haverá divulgação de nomes, seja da instituição ou dos professores que responderem a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por todas as oportunidades que tive, por ter me dado força e saúde para superar todas as dificuldades que passei nesse período.

A minha professora orientadora Nádía Maria Soares Sandrini por todo o suporte, apoio, incentivo e correções. Especialmente por toda confiança que teve em mim, me escolhendo como orientanda e acreditando em mim em cada etapa da elaboração desse artigo.

Ao meu esposo, que esteve do meu lado em tudo, pois tenho certeza que sem seu suporte, não teria completado todas as etapas para finalizar esse artigo. Obrigada por cuidar de mim nesse caminho.

A Universidade do Sul de Santa Catarina, pela oportunidade de fazer o curso.

A todos que fizeram parte direta ou indiretamente da minha formação.